

***FONTES
E ESPELHOS***

Livro 2

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



MINHA INFÂNCIA

Minha infância segue brincando no gosto e no gesto, no riso acostumado à recepção acompanhado, porque com ares de saudades esconde-esconde, treme-treme, entre um caminhão de madeira e um cavalo de pau.



ADERÊNCIAS

Algumas aderências surpreendentes fundam confiança, ela entra com ânimo alojando-se sem esperar licença. Instigado a defender o amor do ladrão que o vem insultar, unifico paixões recalcadas, um feixe de miudezas se une para insuflar-me as palavras e os atos. Intercepto, dou as respostas que faltavam, termino o verso inconcluso, abro as portas, faço pontes, conservo o amor como coisa minha até interessar a todos fazendo-lhes saber que é também coisa nossa.

DESCONSOLO

Um desconsolo ronda a minha paz noturna. Tenho que carregar o corpo gastado, sentindo uma solidão optada, me acolho sabendo-me pronto para dizer-me: o que não fiz fica para depois, agora me encontro dominado pelo sono prometido.



DESPREVENIDO

Cada dia me faz redescobrir quão desprevenido que estava para confirmar uma presença consentida de todos os modos. Torna-se decisivo optar seguir vivendo. Em mim, quase que diariamente, acontece uma transição entre o doador e o receptor. É uma voz nova soa desde dentro borrando algumas crenças e devolvendo-me um sol quente que me faz saber que o inverno sempre passa e que há que guardar os agasalhos para o próximo inverno, porque ele voltará.

INÁBEIS

Os procedimentos que mantêm o amor exigem uma evocação de alguém que o represente, porque é a presença que confirma o sentimento e o desejo da preservação. Por isso, aqueles que usam o outro em nome do amor são maus divulgadores de seu poder, e o fazem assim, não porque sejam maus, senão por inábeis degustadores dessa preciosidade que resulta da mistura dos odores, sabores, peles, olhares, sucos e sonhos.



O TEMPO FAZ

O tempo faz voltar o vento, a ordem sonhada, equilibrando entre as palavras na chegada e na despedida. O vento fala ao pé do ouvido, corre pelas vias, açoita árvores, carrega o inverno, o calendário e a velha mania de não se repetir, e como eu vive nostálgico com o que se perdeu.

QUERO SER

Quero ser como o vento que prefere ser inverno à primavera, que debanda perdendo rumos, sai sem rumo sem precisar sair pensando, confuso, viajando programados para dar flores, cores, aromas. O vento dos invernos, passageiro, inábil.



ME BASTARIA

Hoje me bastaria um barco ou um mar como o de Hermanus Koekkoek, como a profunda humanidade de Gustav Vigelan, el pincel de Van Gogh, umas flores como as de Monet , a folia de Toulouse Lautrec, o beijo de Klimt, uma mulher de Di Cavalcanti, um retirante de Portinari a liberdade de Dali, a consciência de Pocasso e uma porta do inferno nas quatro mãos de Dante e Rodin.

CUMPRO

Cumpro com o prometido:
Vou-me sem haver profanado o corpo da mulher amada.
No deserto não se deixam marcas
No amor não há pecado.



TENTO

Tento aprender a ter olhares que abram novos espaços, quero descobrir olhares que me vejam e me admirem. Agora tenho uma alma que não tinha, faltam olhos que me reflitam, falta deixar-me levar pela ocasião, voo isolado, as dores não doem tanto, dói menos a falta do “eu te amo”. Levo alguns dias para definir uma empolgação, ainda que tardia e menos convicta. Estou extenuado das queixas infundadas e das auto declarações de amor. Tenho uma paciência menos paciente e um amor desocupado sem haver desistido.

ESCONDIDO

Escondido por detrás do olhar reapareço como se estivesse estado no paraíso. Olhos parcos em olhares dão a impressão de uma objetiva sabedoria que sabe como chegar longe.



QUANTOS MEDOS

Incertezas que só fazem aumentar a impaciência. Tiro o prazer de sentir diferente dos demais, pensar quantos medos te vendem, quantas mentiras afirmadas oficializando o enganado e o enganador. Falo com a pele, sinto o que ela tolera vestir.

GESTO DE AMOR

Quanto tempo sem um gesto de amor, quanta farsa que nenhuma razão tolera, apenas se sabe que um golpe na esperança desencanta, faz sentir que não vale a pena, que o padrão distoa, que a espera não alcança, que o desconcerto leva ao mistério das coisas não ditas.



PRECISO DE AMIGOS

Preciso de amigos com coragem, com menos certezas e mais companhia, que se disponham a construir a vida evitando repeti-la aborrecidamente, evitativamente, orgulhosos que dar às costas ao óbvio que alimenta o corpo e a alma.

NÃO OFERECI

Acumulam-se as desculpas não pedidas, a autoridade que não ofereci.



FANTASIAS GUARDADAS

Fantasia guardadas e declaradas, enfeitadas e envergonhadas, fantasias de corpo e alma, doces e abruptas, repetidas e noviças, ingênuas e pecadoras, seguras e arriscadas. Fantasia com pessoas que são coisas e coisas que são como pessoas. Fantasia com o começo, com os elementos, com todas as caras do tempo, fantasia o tormento a paz transformada, transportadora, mensageiras, passageira, conveniente em se renovar.

FAZ-ME VIVER

Faz-me bem viver neste mundo que amo tanto. Se eu soubesse usaria a força da paixão para mover pedras e ganhar razão. Volta e meia me soam suspeitas as cordas vocais. Há avisos de retomar o cantar desobedecendo a perda do ritmo e da voz. O tempo me devolve a memória fazendo-me crer que posso alegrar essa gente que ainda não notou que o vigor foi substituído pela perseverança.



ESPANTO DA MAGIA

Confundo a magia com a cartola, quando o coelho foge não sei que coisa dizer sobre o tema, declaro com força que nasce um fracasso por distração, entra em cena então um palhaço que rindo distrai a plateia até que volte o coelho e eu não perca a capacidade de fazer nascer o espanto da magia.

BRINCO

Brinco com o caminho, finjo que sei o caminho de volta, sou aventureiro mentiroso que improvisa promovendo uma sensação de uma segurança que não tenho. Emprenho a expectativa num território que desconheço avanço certo como incauto convencido do rumo, do ritmo e da rota. Faço pensar que conheço o entorno e que isso me foi dito por um deus ou um profeta que nunca conheci.



NA VIDA DA GENTE

Tenho vontade de apertar a dor fantasma até esgotar a noite e a dia, sem tréguas, até matar sua vontade de ficar. Nessa multidão de apertos assisto cortejos recém-nascidos, velórios estendidos, comemorações pelas chegadas e pelas partidas. Desde longe são quase dores que já não me detêm. Guardo estas passagens que entram sem alardes na vida da gente.

QUASE NADA

Quase não sei de nada, caminho a esmo. De longe não há vencedores nem vencidos, com fé malabar sou agnóstico, confesso que por mim ninguém mais morre, me prometo a preferência de seguir viajando a bordo do espírito evitando os mesmos erros.



ENGENHARIA

Por não conhecer habito o vazio que me aceita inventor de sonhos, sem exigências outras que a pretensão de avançar na alegria e na tristeza, no escuro e no silêncio, na chegada e na partida. Uma engenharia de construções.

LEGADO

Esqueceram-se de dizer-me que se morre mais de uma vez. Que se vai um pedaço cada vez, que desaparece um amor ou uma pessoa querida. Propositadamente deixaram-me desavisado para poupar-me sofrimentos. Dessa forma, adiaram minha consciência. Não se consegue poupar certas dores, elas acontecem sempre e aonde escolhem acontecer, acompanhando as ofensas ao corpo, o luto das perdas e alcançando as terminações da alma para doer fundo e permanente.



NÃO RESIDENTES

Organizo resistências contra essa gente que me cerca festejando crenças que pouco me importam. Parte de mim ouve e respeita, outra parte recusa escutas não residentes.

FALHAS

Falharam as palavras, falharam os tratos; os rumos foram desviados, desperdiçados os tempos, confundidas as razões. Falta muito por aprender, constantemente aprender.



CONTRADITO

Herdeiro do esquecimento, pelos mesmos motivos, o único a lembrar datas, ofensas, remordimentos, lembranças sobreviventes dividindo os mesmos espaços. Esta combinação nunca deve ser encarada com tranquilidade pois são afetos inóspitos que não se permitem dormir na mesma cama, não cabem na luz do dia nem na escuridão da noite.

PEDAÇO MEU

Um pedaço meu moleque e provocador veio bater à porta. Evaporado, reapareceu alguns anos depois falando árabe, na língua da minha infância. Plantou um cedro atemporal, logo espalhou memórias, fez-me lembrar que dormimos e sonhamos muitas vezes juntos.



FALAS E SILÊNCIOS

Estou cercado de falas que valem muito menos que um silêncio. Costuro uma última tristeza à lucidez crescente de cada dia que por fidelidade me poupa das falsas garantias que me inventaram.

A PARTIDA

Retenho a partida, não sei atravessar as faltas, a ausência das vozes, reconhecer o fim do fim. Ainda me iludo, acredito que o fim repete as marés, que sempre há volta. Corro na direção, na contramão de uma caravana onde carrego pedidos de solidariedade apoiado na procissão dos desnorreados, sem garantias de leite e do leite.



INÁBIL

Sou um hábil colecionador de rancores quando afundo reincidente circulando como extremista refugiando-me em sentimentos vulgares.

OLHOS VIGILANTES

Meus olhos vigilantes voando em direção ao adeus, carregados pelas corredeiras, resultado de tantos rios seguidos. Olhos enrugados, cansados dos olhares não entregados nas ruas, nas casas, sem pontaria, tentando encontrar um lugar na multidão enlouquecida por onde sair.



DESALINHO

Desalinhando a solidão catando palavras rumo ao abraço, desafogando este amor, destampo o melhor adiado, destoo em habilidades, tropeço na própria vontade de desorganizar a retidão e confirmar o singular reordenado.

ESTRANHO

Estranho o estranho, sempre esconde e, de súbito se revela num pedido como o de Alice: o que tem dentro da água? Ou a constatação de Gustavo ao ver uma chapa de raio x de sua cabeça, gritar assustado: “há uma caveira dentre de mim”.



O OUTRO DE HOJE

O que nos é familiar parece sofrer uma alteração no tempo que se congela criando uma visão concomitante e paralela entre o antigo e novo. Uma paisagem com algumas peças trocadas, outras faltando, alguma sutil alteração para devolver-nos um indicador de antes e outro de hoje.

AFETOS VAGOS

Procuro afetos vagos, que tentem ir juntos com os meus, que venham todas as noites conversar, e todos os dias venha assistir se estou em paz com meus silêncios, afetos que os quais eu não precise explicar as coisas, afetos que combinem com suas funções mais naturais; a de serem suficientes para fazer e dar sentido à espera.



EMBARCADO

Embarcado, mil passaportes, mil histórias, gastados sentimentos dispersos alimentando a solidão, beijos equivocados perdidos nas renúncias escondidos das tragédias. Me movo com brigas fugazes, doses famintas que atiçam as desgraças, as noites ameaçadas por vestígios de novas e constantes fugas. O medo me atrai a seguir adiante, caminho sobre mares agitados orientado por gaiivotas.

IMAGINO MEUS DIAS

Imagino meus dias, conheço todos meus inventos, reconheço meus sentimentos, cultivo essa intimidade como se pudesse guiar meu destino como um maestro. Tento devolver-me a um sentimento primordial. Aplicando o recurso de alternar memória e esquecimento, vou levando a vida.



PEQUENOS FAVORES

Meu amor anda pedindo pequenos favores, pouco importa se os ganhos ou não, insiste em não ler notícias, bobagens ditas sem consequências. Ainda que sem convicção, meu amor anda experimentando a confirmação de que foram extintas as respostas. Ele insiste em se manter vivo, unilateral, tentando de tudo para responder, para não morrer também.

A LUTA

A luta, para ser bem sucedida, me incentiva como explorador, fazendo da linguagem o ato. Desisto das concessões que representam uma cômoda farsa.



NEM PENSEI

Às vezes, ouço as diversas vozes que me assopram o que dizer; elas surgem como uma expressão espontânea a dirigir minha língua na construção de algo que não acredito e nem pensei.

DESENGANADO

Meti-me a fazer o que não sabia, investi onde não devia, depusitei no vazio que não confirma. Descumpri, me meti na extensão das fronteiras tentando emergir, honrando a vida, a aventura de amar, embora frequentemente me desordene e nela habite desenganado.



PRETENSÃO

Pretensioso fui ao pensar em congelar o passado como eterno; não considerei que as recordações se adequam à seleção e à memória rendida; alterada.

POR VIVER

Tentar ter a coragem de viver bem é o bem mais precioso da vida, guardo esse lema para que não perca validade em todos os meus dias por viver.



VIAS NOVAS

A vida se manifesta sempre por vias novas. Invisto na conquista de uma qualificação que signifique originalidade. Busco me afastar do consolo primitivo que se adapta onde era para se indignar, quero povoar a injustiça de litígios, influenciando os méritos e as exigências.

ADIAMENTO

Adio ao dia seguinte minha revolta, calo minha indignação, tento me refugiar, me ocultar nas mesmas palavras que me denunciam. Confesso que em mim existe um convite à cegueira querendo me persuadir que diante de tanto abandono de nada vale ter esperança.



SEM NADA PENSAR

Enfeito alguns vazios com um vinho e uma refeição, engordo essa fome que comida não mata. Tento aderir aos que creem, tornar visíveis as poluições, declarar judicialmente obsoletas e infundadas as injustiças, a fabricação das minas, a perpetuação do analfabetismo. Releio tudo o que caducou e ainda sobrevive. Dobro a esquina, escorrego no corrimão que insiste em acompanhar um declive. Adoto a postura de quem caminha sem nada pensar.

UMA SENTENÇA

Acabo de ouvir uma sentença que me exclui das penitências e das autopunições. Esgotadas minhas penas, viverei de privilégios auto concedidos. Arranquei pela raiz os pesos da consciência e plantei em seu lugar uma abundância de perdões.



A PROCURA

Vim à procura de algum valor que ainda funcione, que instale a esperança para que ela seja alcançável. Com vistas a aumentar meu capital íntimo, minha solução caseira foi ativar a procura, enquanto a realidade permita. Incursiono pela novidade, me causo prazeres, me faço promessas. Faço disso um modo de ser. Nem sempre alcanço ter êxito.

SUSTENTO

Instalado no ultraje faço cessar a ingênua experiência, atrapalho os planos de viver em paz. Embora acanhado com a desavença entre mim e os que me cercam, sustento os sonhos.



BATO EM RETIRADA

Tantas decepções deixam pouca alegria, bato em retirada cercado de agonias. Esse negócio de se perder e se encontrar me afugenta das origens, condenando-me a romper os tratos que todo humano forçado finge aceitar na fuga de si mesmo.

GANHO TERRENO

Hoje, como se nada houvesse passado, instala-se em mim um sentido de haver ganho terreno perdido na véspera. Renovo-me espelhado nos dias que insistentemente se reiniciam.



ALEGRIA FUGAZ

Experimento manifestar uma alegria fugaz, falo ao coração, que se deixa fascinar pela autorização do prazer e faz a cama sabendo que nela irá dormir. É aquele que cuida do amor sabendo que ali irá pousar.

MESMOS LUGARES

Uma justiça confirmada me permite rever, voltar aos mesmos lugares do prazer e da dor, saber se meus sonhos e meus medos ainda estarão por lá? Conferir se as armadilhas foram retiradas, se as trincheiras seguem ocupadas, se o cavalo-de-pau sobreviveu, se o canto dos pátios não foi demolido, se os fantasmas que me habitam cá ainda seguem por lá.



EM CASO DE MORTE

Durante anos me prometeram que ao morrer reencontraria meus mortos queridos. A impaciência me fez antecipar esses encontros, pois diariamente eles me visitam. Com eles converso, exponho-lhes minhas angústias, meus medos, minhas dúvidas. Como sempre, eles me oferecem seus tempos eternos, confirmando a antecipação das minhas vontades de estarmos juntos.

SIGILOS

Sigilos eficientes emudeceram todos os sentimentos, cada lembrança na retina guardada, na pele incrustada, na doce acolhida embaladas por braços ancorados no lápis, borracha e papel.



NAUFRAGUEI

Naufraguei tentando converter uma aventura numa conquista, fui criador, mago, atenuador da luz do dia, incentivador do silêncio da noite. Não distribuo quotas, aproveito a avareza para enganar as pessoas, os discursos as atraí, não tendo acesso ao absolutismo farei violações até serem aceitas para esconder minhas indecisões.

TENTO CIRCULAR

Tento circular entre as faces complexas do desejo e o deserto dos objetos derivados de uma era de incertezas, já não basta ter sonhos simples como anteriormente. A nudez inocente merece reaproximações, o território de conquistas cobre o corpo de afagos intencionais, os conquistadores, desenhando o caminho da fuga, sem culpas deixam os vencidos. O dia e a noite insones satisfeitos, reiterando ausências.



MOMENTOS DESERTORES

Cada desejo carrega curiosidades, as saudades se somam ao já vivido para organizar o espetáculo da inovação, pronunciando as bases e as cinzas. Nelas contidas tudo que se sonhou e perdeu, enquanto as paixões coloridas pelas conquistas perduram nas palavras e nos segredos das companhias alcançadas nos momentos desertores.

VOLTA E MEIA

Volta e meia recorro a um grupo de lembranças dispostas a representar a raiz que define o melhor de mim. Muitas delas se acomodam para reger uma gratificação. Faço efêmeros esforços para que minha instância de cada dia seja feliz, acatando as limitações.



SINTO FALTA

Sinto tanta falta do que não sei como te dizer, sinto o vazio do olhar sem limite, a falta do sal, do mel. Gemidos desertores se metem nos meus sonhos, convidando para a ilusão do retorno. Se não posso mais te amar, sinto a presença da ausência, do gesto terno fugitivo, da doce ternura silenciosa que escapa pelos poros. Restam circulando infinitas e incansáveis memórias.

MEDIDAS

Medidas as conseqüências, visto minha coragem me dispersado por todos os rumos que te apontam como o ponto final.



SOBRE O QUE DEIXEI LÁ

Outras versões guardadas sobre as águas escondidas do Juá, os horizontes e entardeceres, as gotas esperadas e o escasso riso, sobre o diálogo das montanhas que cercam os rios ausentes, levo dentro a paisagem, a saudade e o gosto, a lembrança dedicada e a vontade de ficar. Guardo fundo, deixei um pouco por lá, inventei retornos mesmo sabendo que não irei voltar.

SOFRIMENTO

Causa-me sofrimento ver tantos corações machucados, tantas almas inundadas de dores e sentimentos de amargura. Não se tratavam de pequenas vivências mas do que constituía as mesmas desesperações: todas elas, decepções provindas de seres queridos.



FOI PRECISO

Foi preciso correr atrás do sonho. Sigo nesta prática de conviver a pipa com o fio, a raiz onde o futebol convive com a terra batida e a calçada aceita cadeiras, os pássaros livres escolhem ir e voltar e a paixão pela terra coincide com o encanto pelo campo. Campo de plantar, campo de Garrincha, campo de Nilton Santos, campos sagrados, onde estão as sementes do orgulho de ser Botafogo.

INOCÊNCIA CORROMPIDA

Minha inocência é corrompida toda vez que vejo o uso banalizado das intimidades. O mais prudente seria afastar-me até que o silêncio solenemente faça-me saber dos perigos da vida quando o ideal amoroso fica exposto a ser objeto de consumo.



DAS DORES

Antes de ser oficializada a dor, circulou na periferia , seus contornos imprecisos atrapalhados por analgésicos que insistiam em não fazer efeito. As dores, quando verdadeiras não aceitam banalidades, elas não aceitam esquecimentos, chamam toda atenção para si como se não existisse nada mais no corpo. As dores cancelam as alegrias, limitam a comemoração. Rabiscam sua presença ou ocupação?

ACOSTUMAR-SE

Para acostumar-se com a vida, com a ferida, com a paixão, com a descoberta e a desapareição; para acostumar-se a não curar, para tratar presumindo que seja esta a essência da reciprocidade, para acostumar-se à mútua e compartilhada acolhida, presumo que todos se ofereçam para juntos lograr serem melhores.



NO MEU ISOLAMENTO

No meu isolamento preservo alguma coerência frente as exigências do acontecimentos correntes, embora às vezes eles ultrapassem disfarçados de gentis notícias carregando bombas, corrupções, críticas à minha heterossexualidade. Desprezo esta etapa que frequento evitando-a chamar de velhice. Sou um expatriado, não me identifico com governos, fronteiras, partidos políticos, desapareço por detrás dos meus livros caçando soluções conciliatórias entre o silêncio proposital e o silêncio oportuno, protetor de palavras, formador de consciência e crítica.

TODA VEZ

Toda vez que me penso transborda a lembrança que há preciosas coisas da vida que não são recicláveis. Quando penso cada sentir evoca a natureza na plenitude da sua inocência desfilando por todos os poros a essência interior.



A PORTA

Lembro-me da porta que guardava misteriosas surpresas nunca esclarecidas. Se eram virtudes ou defeitos ficaram perdidos no tempo, vítimas inocentes do esquecimento. Tanto poderiam ser ciúmes infundados como fantasias eróticas, intrigas provocativas ou desperdiçadas declarações de amor. O silêncio nivelou o todo ocultado sem renovação.

CONTRA

Na corrida contra o tempo tento diminuir a imbecilidade e acelerar a renovação.



AQUI JAZ

Aqui jaz a minha inocência adormecida, a pergunta sem resposta, o espanto ferido, o sonho cancelado, a harmonia derretida, a aventura desistida até a sobrevida.

SOU

Sou o sonho exposto, onde se nivelam o afã e a decepção. Não sei para onde ir, ruidosos ventos ilegítimos me sopram para longe da minha juventude, apesar disto, conservar a vida é questão de honra, de sustentar a paixão, de dizer sim à vida, cercá-la como o lugar que acolhe o meu paraíso.



GANHO

Eu ganho com a acolhida, com a recepção e a intimidade oferecida, com a tolerância, com a soma dos amores que me foram dedicados, com a visita do ar que matou a minha sede, com o sossego do anonimato, com a porta que se abriu generosamente apontando a arte e aportando a argila.

AINDA

Ainda viajo com a memória, frequento o passado, a sombra e o silêncio, a dor e a fantasia, a casa minha, a gravidade do pecado imaginado, a ousadia de ter pena e a vantagem de esconder os sonhos infantis. Viajo, procurando virtudes murchas, retalhos extraviados, ternuras moldadas, decisões enferrujadas, purezas desconsoladas, viúvas aliviadas. Procuo por amores dispersados.



QUERO FAZER DE MIM

Quero fazer de mim um outro homem, abandono os sacrifícios, espero indulgências e reconhecimentos, calo agradecimentos que não devo, consinto repartir meu próximo sonho, aumento o repertório das falas noturnas, dou-me por satisfeito de acordar vivo, não achar graça no mau humor, principalmente o alheio. Abstenho-me da fraude e morro gozando tudo. Tento fazer com que o “posso” ganhe do “não pode”.

CATIVADOS

Cativados os meus sentidos fazem referência a uma infinita quimera, a finitude dos objetos, o desconcerto dos labirintos, a pluralidade dos mares e das nuvens, os enganos partilhados, os insólitos atrevimentos. Meus sentidos inventam ilhas, fraturam continentes, abusam da paciência e da imaginação, borram a memória inconveniente, embora se finquem na Terra, antiga moradia.



NOVA DOR

Inaugurada uma nova dor, desarmado, desalmado, fiquei sem saída, advertido de que nem tudo permanece, que o infinito encurta, enxuga, se conecta com paixões finitas.

POSSUÍ O CONTROLE

Possuí o controle do inacessível por instantes: anunciei a aurora, o invento das chuvas e regulei o brilho dos astros, tratei com descaso os ventos que sopravam fantasias, mudei as previsões repetidas antes do alerta, escondi o tsunami dentro da garrafa, eliminei a pena e a morte.



SOMBRAS

Olho a tenacidade da minha sombra, com que esforço me rastreia, com que obediência me segue, como oferece o tributo da sua companhia ao circunda os meus limites. Minha sombra demarca e se esconde levada por aves quando perdem o brilho.

SAUDADES MEDIDORAS

As saudades se ocupam da medição das distâncias emocionais que diferentemente das espaciais medindo permissões e censuras, facilitações e complicações vividas na rotina dos viventes.



BELA VIDA

Quando hoje meu sorriso se negou a saudar o dia que amanhecia, reservei um primeiro auxílio para confortar a Natureza deslocada das minhas ofertas. Comovida, ali estava a vida esperando acolhimento, a procura de salvação e alimento para seguir gestando e me conservando.

CISMAS

Carregas a intriga cismando atrativos que não tenho.
Testemunhas inventivas arranjando-me pajens
trapaceiros, donzelas ofertadas, carinhos fraudados,
catas o



AFOGADO EM MEMÓRIAS

O Bule Monstro nunca me ameaçou, o café 35 espalhava
qualidade tentando neutralizar o mau cheiro de uma
fábrica de papel que de tanto poluir apelidada da
Princesa adoecida. A Princesa do Sul, mais comportada
guardava sua história em cada casa, clube, família,
firmando um compromisso para ali caberem todos os
transgressores, os loucos, os penetras, os mais-bem-
vestidos adornados por Palombo, Conceição, Tano,
fantasticamente recriando a arte da alfaiataria, do
bem-vestir. Na Kautz comi o melhor cachorro-quente
da minha vida, salsicha caseira de alta qualidade (as

austríacas se parecem nas não se comparam) o pão perfeito, levemente adocicado e fino, suficiente para caber a salsicha e uma mostarda aos franceses, e que teria ensinado aos austríacos o que comíamos na Vienense, o mesmo que no Bavária, com o Max pão-preto embutido, picles, chope, colchão alemão. Tentei comprar o relógio da Krentel, minha família fez-me ver que não aqui em casa não caberia; desisti. Marcola me enchia o saco me perseguindo para vender aquelas perigosas empadas de construção anônima; vi o Judite jogar uma lata de lixo na cabeça de uma paixão privada. Na Confeitaria Nogueira, na Brasil, no café Indio, no café do Jóquei Club encontrando meu pai depois da sessão do Capitólio. Não é possível esconder tanta coisa na memória, entre a Libanesa, o Gonzaga, o Pelotense, a Faculdade de Medicina da Leiga. Aquele pensar que tentava aprisionar nossas serenatas distribuídas no Cassino, Rio Grande, Bagé, Arroio Grande, Jaguarão, Punta del Este, São Lourenço, as tardes da TV Piratini com o Mesbla faz o Show e Porto Alegre que me faria aprender a não procurar o que não estava ali. Deixei minhas suspeitas em Pelotas, a coincidência da fome com a Kafta da minha mãe, a generosidade do meu pai e da minha mãe me incentivando que imigrasse como eles, que valeria a pena. Eles como sempre acertaram.

SIRENES DO MERCADO

Roubavam um espaço às catástrofes, as sirenes de Pelotas avisando haver risco aéreo. O aeroporto da minha infância pedia ajuda gritando na sirene do mercado público, pedia faróis dos carros para iluminar a pista desejosa de receber algum avião em perigo. Estas solidariedades forjaram a minha vida, ao ver meu pai-herói no meio da madrugada disposto a salvar vidas, sentia vontade de aplaudir, só o fiz por dentro. Nunca houve acidentes aéreos em Pelotas, havia meninos guardando nostalgias.



CONFESSO

Confesso haver esquecido como era esperar os prometidos brinquedos que coincidentemente se repetiam em ofertas. Devorando aqueles acessórios tinha a certeza de presenças, algo pairava no ar, no chão, no papel de embrulho declinando o verbo amar.

QUASE

Quando melancólico, me escondo das minhas saudades porque não quero me ver triste, porque não posso saber-me só.



VOZES

Infiltram-se vozes distantes adensando o clima, parecem correr em meu encalço, espalhadas pela superfície estacionam suas dúvidas espalhadas como gritos, gemidos, penas descontroladas, implorando escutas.

ATÉ QUANDO

Temendo desaparecer, deixei mensagens, página por página, até quando não sei.



RECUSAS

Enfrento recusas infinitas nesses tempos de bocas caladas e pazes arrancadas, esperanças evaporadas e amores fraturados.



RUÍDOS

Punhados de ruídos se infiltram na rotina com o propósito de distrair-me. Desconsideram minha intenção de ficar quieto, esquecido na minha intimidade, fugitivo, sem querer perder a construção que chega com um suspiro iluminando o próximo aforismo.

SINTO

Sinto todas as faltas do mundo, elas são tantas que não cabem no meu sentir, me faltam braços, me faltam reciprocidades, vontades igualitárias, vertidas.



MEUS VINTE ANOS

Ressuscito meus vinte anos. Tragam consigo a intensa fome de vida, as dignas saudades e as esperanças intactas. Refaço minhas resistências perenes por toda a minha sobrevivência. Devolvam-me a alegria indevidamente sequestrada.

QUERO UTOPIA

Quero experiências com significado, quero a necessidade com apetite, quero comparecer como possa, quero dizer o que penso, quero sonhar como tarefa doméstica, quero cortar o pão e tocar a flor do trigo, quero a palpar as horas e os corpos, quero escavar mistérios, organizar a próxima alegria. Quero traduzir a ficção até torná-la utopia.



UM AMAR

Amar com esperanças improváveis, ter amores impossíveis, sonhos inventados, dos tempos idos, de vazios doloridos, de vozes improvisadas revelando que o silêncio que me habita segue sendo o mesmo de quando comecei.

AS FALTAS QUE SINTO

Por onde se esguiam as faltas, e o que sinto? São tantas: as de coragem, as de tristezas, as de sonhar, as de esperar, as de adiar, as inventadas, as imoladas, as enterradas.



INSISTEM

Não posso esquecer tanto o próximo como o longínquo, quando me chegam à pele soando quietos os contos demorados insistentes, querendo em ficar.



NECESSITO SILÊNCIOS

Necessito silêncios onde deposite as minhas tristezas, novas e antigas, decifradas, desconcertantemente incógnitas.

ENIGMÁTICO

Falo como o homem que posso vir a ser, ainda um tanto enigmático. No momento me considero permanecido. Mantenho-me parte extraviado com a falta de alguma ação modificadora.



RECRIO

Recrio. Assopro metas de vida nas lembranças para não esquecê-las totalmente. Junto sentidos dispersos. Como pássaros no nascedouro dou-lhes consciência aos amontoados esquecimentos.



DESFECHOS

A sede generalizadas causa desfechos, tentações, procuras, assombros e medos. Desorganizam meus temores produzindo-me incertezas. Divulgam uma onda de convencimentos, germinando ideias escolhidas: o sangue novo e a esperança redimida.

DIANTE

Diante do teu acanhamento, meu espírito bebe que na tua fonte amores perde a luz. Pelos recantos sedentos padecentes, carentes. Não me ocorre o que fazer com todas essas necessidades desatendidas que tantos desencontros que ora me visitam.



QUERO CONHECER

Quero conhecer todos os tremendos enganos, imprevistos. Os enganos notórios resultam de histórias de investimentos equivocados, populares. Estão nos catecismos, nas narrativas, nas versões, nos bairros, nas camas, nas paredes vermelhas e nos batons carmim, na palavra de ordem saída da boca de sonso, no gatilho da bomba de Hiroshima, na metralhadora que segue matando crianças palestinas, armênias, libanesas, sírias e curdas. Estou cansado da indiferença dos que se calam.

DIMENSÕES

Em minha dimensão, a mais puramente humana, justifico de certo modo todas os fracassos, as ações possíveis e as outras, impossíveis. Essa humanidade que me remete ao mais visível lugar, exposto e ao que destaca a me encerra na quieta privacidade almejada.



AMENIDADES

Usando de algumas amenidades, confesso que já não me alcançam tantas ausências. Para deixar de recordar não crio mais memória. Faço com que se movam os corpos, balancem as cabeças, revirem os olhos, se voltem às páginas anteriores, se releiam os textos. Para causar equilíbrio, compareço para servir a vida como água potável e a vida como tolerável.

Roberto Curi Hallal

